

# *Os Rituais Funerários na Pré-História do Nordeste*

*Gabriela Martin*<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** Enumeram-se os diversos rituais fúnebres pré-históricos do Nordeste do Brasil conhecidos através da pesquisa arqueológica. Citam-se também os sítios pré-históricos que forneceram informações e suas cronologias BP quando elas existem. A importância do auxílio da etnografia para o conhecimento dos rituais fúnebres da pré-história é também explicitado.

**Palavras-chave:** Pré-história do Nordeste, Sítios Cemitérios, Fontes etnográficas

**ABSTRACT:** There are a number of pre-historic burial rituals in the Northeast of Brazil Known by archeological research. We mention also pre-historic sites that provided informations on its chronologies BP when they existed. The importance of the aid from the ethnography for the knowledge about the pre-historic burial rituals is also explained.

**Keywords:** Pre-history of the Northeast, Sites Cemeteries, Sources ethnographic.

Grande parte das informações sobre a vida pré-histórica chega através da morte. O ritual e o mobiliário fúnebre permitem-nos inferir comportamentos sociais. L. R. Binford (1971) relaciona a complexidade do ritual funerário com a complexidade da organização social. Ainda que esse ponto de vista tenha sido contestado por outros autores, não há dúvida de que, em linhas

---

\*Comunicação apresentada na VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB, João Pessoa, PB, 1993.

\*\* Universidade Federal de Pernambuco.

gerais, a hierarquia e a categoria social do indivíduo reflete-se no seu sepultamento.

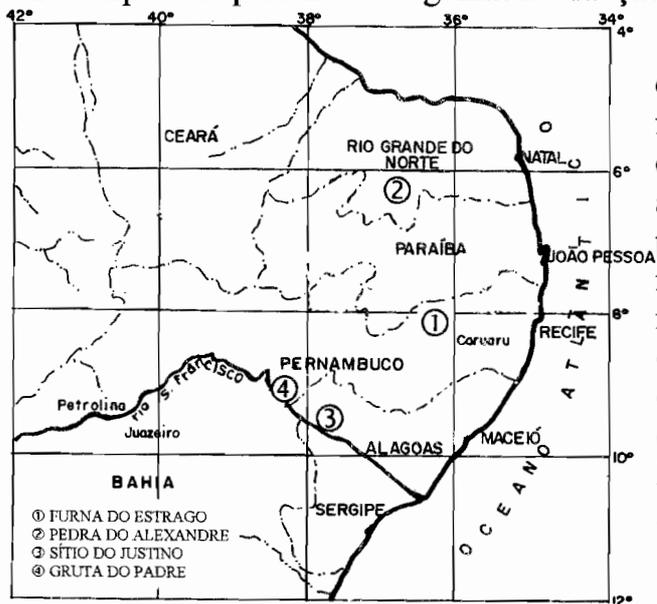
O homem sempre se preocupou com seus mortos e o ritual funerário, seja ele simples deposição do corpo numa cova ou cerimônia complexa, acompanha a sociedade humana desde os albores da pré-história. O homem é também tradicionalmente conservador no culto aos seus mortos e a mudança das culturas reflete-se mais lentamente nos rituais e nos costumes funerários do que na evolução da vida cotidiana. O ritual cristão, por exemplo, não difere demasiado do rito romano-cristão dos começos do cristianismo que por sua vez, estava inspirado em velhas fórmulas pagãs. A esperança cristã da ressurreição dos mortos, impôs a inumação do corpo em todo o mundo de influência cristã, acabando com a tradição indo-europeia da incineração. O conservadorismo cultural egípcio, reflete-se particularmente na manutenção dos mesmos ritos fúnebres durante milênios.

Nas sociedades indígenas americanas, os rituais fúnebres foram variados e complexos e os enterramentos primários são equivalentes em número aos secundários, nos quais realiza-se um segundo enterramento depois da perda das partes brandas do corpo, ritualizando-se o esqueleto.

Na Pré-história brasileira o que se conhecia sobre rituais fúnebres das populações indígenas, com anterioridade às fontes de informação direta resultado da pesquisa arqueológica, provém do conhecimento etnográfico e das tradições conservadas entre os remanescentes indígenas.

Os conhecimentos que temos dos rituais funerários no interior do Nordeste apoiam-se, principalmente, em quatro sítios-cemitérios, escavados total ou parcialmente por arqueólogos. Na ordem cronológica do achado e da respectiva escavação, são eles a **Gruta do Padre**, (Petrolândia, PE), a **Furna do Estrago**, (Brejo da Madre de Deus, PE), o abrigo **Pedra do Alexandre**, (Carnaúba dos Dantas, RN) e o **Sítio do Justino**, (Canindé, SE).

Essas quatro necrópoles foram utilizadas durante longos períodos de tempo nos quais houve algumas mudanças no ritual funerário.



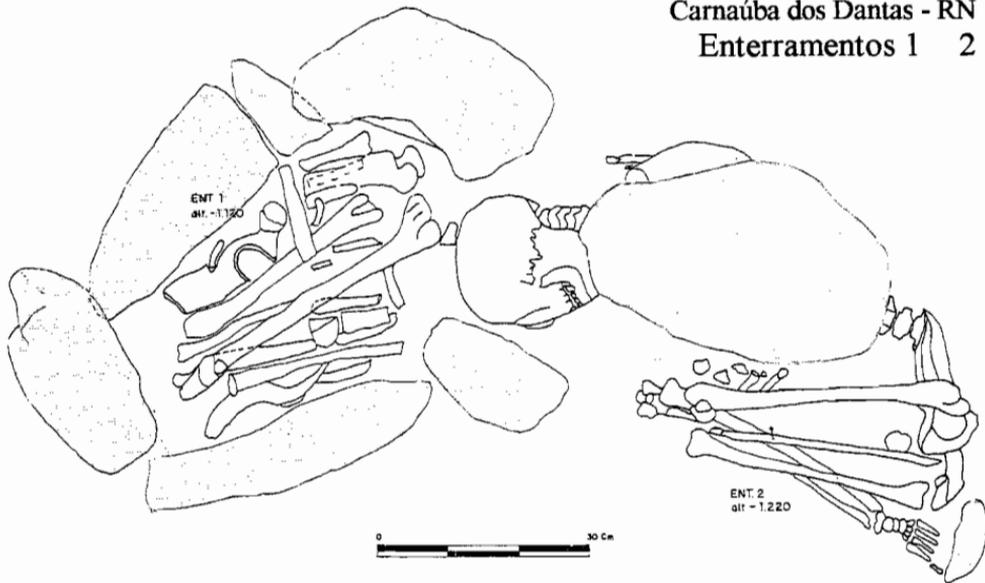
No cemitério da **Pedra do Alexandre**, que forneceu as datações mais antigas no Nordeste, para um abrigo-cemitério, um enterramento secundário de criança de quatro a cinco anos foi datado em 9400 anos BP. Enterramentos individuais de mais de 8000 anos BP. correspondem a dois esqueletos femininos adultos, sepultados em decúbito lateral e

posição semi-fletida que não apresentaram mobiliário fúnebre. Um desses esqueletos tinha as pernas apoiadas sobre uma lage plana de arenito e, possivelmente, foi acesa sobre sua bacia uma fogueira ritual de onde foi coletado o carvão que forneceu a datação de 8280 anos BP. A fogueira não chegou a queimar os ossos. O ritual de acender uma fogueira sobre o enterramento aparece noutros casos desse mesmo abrigo.

As duas sepulturas que registraram ritual funerário mais cuidado, foram datadas entre 4000 e 4700 anos BP., e pertenciam a enterramentos masculinos. A nº 1, secundária, continha restos de quatro indivíduos, dois masculinos (24 e 11 anos) e duas crianças (um ano e um feto a termo). Os ossos foram cuidadosamente pintados com pigmento vermelho e arrumados numa cova

ferrada com uma lage plana horizontal e outras verticais rodeando-a (fig. 2). Junto deste, em nível ligeiramente inferior, o

Fig.2  
**PEDRA DO ALEXANDRE**  
Carnaúba dos Dantas - RN  
Enterramentos 1 2



enterramento n° 1, primário, pertencia a um adulto masculino de 18 anos, colocado em posição fletida e decúbito lateral; sobre o tórax foi colocada uma lage oval de pedra de micaxisto retirada do próprio abrigo; em torno do pescoço levava um colar com pingentes de osso de cervídeo e um apito também de osso. Uma lesão no crânio faz pensar que teria sido atingido por uma flecha. Junto às lages do enterramento n° 2, porém fora do recinto fúnebre, foi enterrada uma criança de poucos anos que teve durante o ritual secundário, os ossos pintados de vermelho e cobertos de pigmento também vermelho, finamente pilado ou pe-neirado. Pelo ritual e sua posição, calculo que seja da mesma época do enterramento n° 2. O costume de cobrir os ossos das crianças de poucos meses ou anos com pigmento vermelho, repete-se em outros enterramentos do abrigo **Pedra do Alexandre**.

Duas crianças de quatro a seis anos, datadas em 2620 anos BP, foram enterradas juntas, em posição fletida e decúbito lateral. O enterramento nº 15, secundário, que não foi datado, apresentava dois esqueletos masculinos entre 20 e 22 anos, com os ossos longos arrumados e os crânios colocados por cima, protegido por lages de pedra arenítica procedente de uma canteira próxima. Como mobiliário funerário, colares de pingentes e contas de osso e um apito também de osso.

A variedade de rituais funerários no **sítio do Alexandre**, justifica-se pela grande separação cronológica existente entre os diversos enterramentos. Os mais antigos são primários e sem mobiliário fúnebre mas, até a fase final de utilização do abrigo, sucederam-se as duas formas rituais de enterramento: primários e secundários.

Na **Gruta do Padre**, o ritual funerário foi sempre secundário, durante o longo período de utilização do sítio que pode ter atingido mil anos a partir de 2000 anos BP aproximadamente. Como Carlos Estevão (1943) afirmara, a pequena gruta foi utilizada como um "*ossuário*" no sentido de ser mais um depósito de restos de cremação humana do que lugar de realização de ritual fúnebre. A grande quantidade de restos ósseos humanos acumulados, misturados a animais e restos calcinados de pingentes e contas de colar de osso e concha, não davam a impressão de ter sido depositada com uma certa ordem como se comprovou numa estratigrafia que ultrapassava, em alguns pontos do sítio, mais de um metro de cinzas.

O grupo étnico que utilizou a **Gruta do Padre** como cemitério queimava os corpos dos seus defuntos fora da gruta e depois os depositava nela sem ordem aparente. Em alguns casos, detectamos a reutilização, para novos enterramentos, do sedimento formado por restos fúnebres anteriores. Assim, foram cavadas fossas onde se depositaram novos restos humanos também incinerados. Num caso, sobre uma lage de pedra foram colocados ossos

humanos, também parcialmente queimados sobre os que se embocou uma pequena urna de cerâmica.

Na mesma época aproximadamente em que a **Gruta do Padre** foi utilizada como cemitério, o foi também a **Furna do Estrago** onde o achado de mais de oitenta esqueletos, entre adultos e crianças, permitiu apurado estudo dos rituais funerários utilizados nos mil anos de ocupação do abrigo como cemitério (2000-1000 anos BP em números redondos). Os enterramentos mais antigos da **Furna do Estrago** são todos primários, com os corpos em posição fletida e embrulhados em esteiras de fibra vegetal. O rito do "*fardo funerário*"<sup>1</sup> tão comum em toda a região andina, chega atenuado à zona tropical, mas na **Furna do Estrago** há enterramentos que poderiam ser realmente considerados de "*fardo*" e que estava em bom estado de conservação. Em outros casos a fossa funerária estava forrada com fibras vegetais cuidadosamente dispostas. O enxoval funerário consistia em colares e pingentes de pedra, osso, conchas, sementes, dentes de animais e espátulas. Fragmentos de ocre junto à nuca e do ventre aparecem também em algumas sepulturas. Recém-nascidos foram sepultados em cestas de fibras de palmeira e também embrulhados em esteiras de *Ouricuri*<sup>2</sup>. Alguns crânios ainda conservavam parte do cabelo. Especial registro merece a sepultura chamada do "*flautista*", um adulto de sexo masculino em posição fetal com as mãos perto da face e que levava entre os braços uma flauta feita de uma tíbia humana com um único orifício, além de um delicado cinto de fibras vegetais como adorno. O esqueleto levava também um colar de 31 contas de osso de ave. A fossa funerária onde foi depositado estava forrada de fibras vegetais que envolviam também o seu corpo (J.Lima 1984).

---

<sup>1</sup> Chama-se sepultura de *fardo* quando o cadáver é amarrado de forma a lhe dar a posição fetal completa e depois é cuidadosamente embrulhado com esteiras ou tecidos.

<sup>2</sup> Ouricuri (*Syagrus coronata* Mart.).

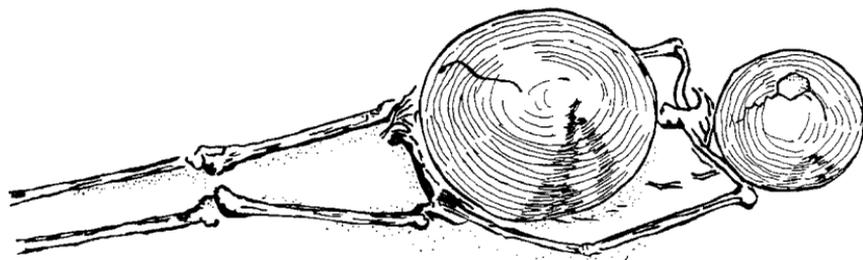
Os padrões de sepultamento da **Furna do Estrago** são bastante uniformes durante o período de utilização do abrigo como cemitério. Acima das fossas aparecem com certa frequência gastrópodes (*Megalobulimus* sp.) que parecem ter sido colocados propositadamente como fazendo parte do ritual funerário ou como marcação da sepultura. Na opinião de Jeannette Lima, responsável da escavação da **Furna do Estrago**, o grupo que a utilizou como cemitério não era ceramista na medida em que não usou a cerâmica no enxoval funerário. Assim, considerou intrusivos os poucos fragmentos cerâmicos encontrados em algumas fossas funerárias. Na fase final de ocupação do abrigo, houve brusca substituição do rito funerário de inumação pela cremação o que pode significar que o grupo humano anterior foi expulso por um novo, que utilizava um ritual funerário diverso.

O **Sítio do Justino** foi ocupado durante 2000 anos ao menos. A inundação da área da hidrelétrica de Xingó no São Francisco impediu que se completasse a escavação de um dos mais densos cemitérios indígenas do Brasil, porém as duas centenas de esqueletos levantados, entre completos e incompletos, permitem uma estimativa dos rituais funerários empregados pelos habitantes pré-históricos do baixo vale do São Francisco. Ocupado por um ou vários grupos ceramistas, os vasilhames cerâmicos formam parte do mobiliário fúnebre. Num enterramento no qual o corpo foi deitado em decúbito dorsal completo com os braços esticados ao longo do corpo, foram colocadas duas urnas sobre a cabeça e o abdome do defunto (fig.3). A posição fletida ou semi-fletida é a mais comum. Ossos desarticulados indicam a prática de ritual secundário e observa-se, também, a destruição de enterramentos no ato de deposição de outros mais recentes. A variedade dos rituais e das formas de enterramento no cemitério do Justino é verdadeiramente notável.

Fig.3

**SÍTIO DO JUSTINO**

Canindé - SE



Entre outros rituais merece registro a preparação de um esqueleto dentro de uma urna, cujos ossos foram cuidadosamente cortados e polidos nas hipófises; o crânio foi serrado no sentido longitudinal, as bordas foram também polidas e uma metade do crânio foi depois encaixada dentro da outra.

Além de vasilhames completos que acompanham os esqueletos, observa-se, nas camadas superiores do sítio, grandes quantidades de cerâmica fragmentada que parece produto de ocupação para moradia. Esse fato poderia significar que o sítio pode ter sido também utilizado como aldeia e que os mortos foram enterrados nos mesmos lugares de habitação, fato aliás comum entre grupos pré-históricos ceramistas. A presença de fogueiras indicaria a afirmativa anterior. Existem também marcas de fogueiras rituais sobre os enterramentos. Deve-se esclarecer que essas informações são precárias, na medida que se trata de rápidas observações *in situ* durante os trabalhos de escavação, onde registramos o grande esforço que Cleonice Vergne realizou para salvar o maior número possível de informações antes da destruição definitiva de tão importante cemitério pré-histórico.

Às informações que os sítios citados nos proporcionam sobre os rituais funerários acrescenta-se os enterramentos da

**Toca do Paraguai**, em São Raimundo Nonato, de uma mulher e de uma criança, datados em 8670 anos BP, colocados em posição fletida e que não apresentaram mobiliário fúnebre.

Em Buíque, Pernambuco, um abrigo escavado por Marcos Albuquerque na década de 70 (PE-91-Mxa), apresentou uma coluna cronológica de ocupação de 2780 a 6640 anos BP<sup>3</sup> onde se situaram enterramentos primários depositados em covas forradas com fibras trançadas. Alguns crânios estavam cobertos com uma espécie de cesta ou coifa, também de fibras trançadas, o que significaria, em números redondos, uma data de 6000 anos BP para o uso do trançado e da cestaria pré-histórica em Pernambuco, e cujo uso em enterramentos generaliza-se em datas posteriores (Furna do Estrago e Alcobaça) no mesmo Estado. Também em Buíque, o **Sítio Alcobaça**, cujas escavações foram apenas iniciadas, apresenta enterramentos arrumados em covas forradas de fibras. Nele, há sinais de cremação mas ainda não podemos assegurar que se trate de enterramentos secundários de cremação ou de fogueiras rituais.

Ossos humanos quebrados propositalmente, queimados e enterrados, formam parte do ritual funerário com enterramentos coletivos do **Cemitério de Caboclo** em Venturosa, PE, (V.Luft, 1980).

As escavações na Ilha de Zorobabel (Itacuruba, PE), no vale médio do São Francisco, evidenciaram enterramentos isolados na área ocupada por uma aldeia indígena ceramista. Em fossas com cinzas foram coletados ossos humanos e de animais, quebrados e queimados. O ritual foi observado na Gruta do Gentio, também no médio São Francisco, em Minas Gerais, onde Ondemar Dias, que escavou a gruta, observou enterramentos de ossos humanos calcinados e misturados com ossos de animais, fato que se repete na Gruta da Foice. Com as devidas cautelas, o

---

<sup>3</sup> 2780, 3870, 4390, 6240, 6640 BP (Laboratório BaH, Carbono 14). O resultado das escavações não foi publicado.

autor não descarta, a possibilidade de se poder atribuir à antropofagia ritual esse tipo de enterramentos.

Ainda no vale do São Francisco, C.A. Etchevarne (1992) refere-se a enterramentos primários de dez indivíduos nas dunas de Zorobabel, em Rodelas (BA), que considerou possivelmente coletivos, mas, do conjunto fúnebre somente um esqueleto estava completo, o que torna duvidosa a suposição de que se trate realmente de uma sepultura coletiva.

O maior número de informações sobre sítios funerários das populações pré-históricas que habitaram as regiões litorâneas, procedem dos sambaquis, que, por se tratar de sítios arqueológicos facilmente identificáveis são, naturalmente, as jazidas arqueológicas mais conhecidas. O estudo recente dos ritos funerários de três sambaquis, realizado por Lina Kneip e Lília Machado (1993), no Rio de Janeiro, registra a presença de sepultamentos primários e secundários, individuais e coletivos, nos quais se utilizou a prática da incineração e da inumação, o que levou as autoras a concluir que as diferenças de ritual dependiam mais do *status* social do indivíduo do que da cronologia. Deduz-se desse trabalho, que não existe uma forma característica de enterramento ligado aos sambaquis; além das possíveis diferenças hierárquicas apontadas, também se deve levar em conta as distâncias cronológicas e a presumível mudança do grupo étnico ocupante do sambaqui.

Ainda não possuímos informações seguras sobre enterramentos de populações ribeirinhas no Nordeste, pois as pesquisas arqueológicas no litoral foram escassas e as poucas realizadas não estão publicadas. Na única sepultura escavada no sambaqui de **Pedra Oca** (BA), o corpo foi colocado por cima de uma fossa de cinzas, propositadamente, na opinião de Valentin Calderon que escavou o sepultamento. O esqueleto achava-se em decúbito lateral e posição fletida, com os joelhos à altura do peito e a mão esquerda sob a mandíbula inferior. Em cima das pernas foi acesa

uma fogueira como indicavam os sinais de calcinação nos fragmentos das tíbias. Nenhum mobiliário acompanhava o enterramento.

Nas escavações nos sambaquis do litoral maranhense, localizaram-se dois enterramentos em **Maiobinha**: um é de uma mulher em posição fletida e decúbito dorsal e o outro é de uma criança de poucos meses, ambos associados a pequenas contas de colar de pedra.

O costume de enterrar em urnas isoladas, em ritual secundário, sem formar concentrações funerárias, comum entre populações horticultoras e ceramistas, deixa à sorte de achados casuais o conhecimento das práticas funerárias dessas populações.

O enterramento em urnas generalizou-se por toda a região Nordeste, todavia, não possuímos dados cronológicos dos começos dessa prática funerária pelos diversos grupos étnicos com tradições ceramistas, tanto na zona litorânea e da mata como nos agrestes e sertões. Há urnas cerâmicas com enterramentos primários, onde o corpo amarrado fortemente é nelas introduzido, mas essa é uma forma de enterramento menos comum do que a forma secundária, ou seja, de inumação ou de incineração, guardando-se em cada caso os ossos ou as cinzas; nelas algumas vezes há somente o crânio com parte dos ossos, com ou sem restos de mobiliário fúnebre.

Por todo Nordeste espalham-se notícias esporádicas de achados funerários, não muito confiáveis, na medida em que não foram escavados por arqueólogos. Predominam os clássicos achados de “*aribés*” ou “*igaçabas*” contendo ossos humanos, cinzas ou ambas as coisas. Em geral, a mesma cerâmica utilizada para fins domésticos servia para fins funerários, tanto nas formas como na decoração, variando apenas no tamanho. As urnas funerárias eram colocadas em abrigos sob-rocha ou mesmo nas aldeias a pouca profundidade do solo, fora ou dentro das moradias.

Entre as populações ceramistas da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Silvia Maranca (1976) escavando vários sítios, identificou rituais funerários diversificados nas mesmas ocupações temporais. A arqueóloga atribui essas diferenças a possíveis estratificações sociais dentro de um mesmo grupo étnico. Na **Toca do Congo I**, foram escavados nove sepultamentos num mesmo nível, quatro dos quais depositados em urnas funerárias e cinco em fossas cavadas na terra. Nos sepultamentos em urna, secundários, estavam depositados os ossos longos e o crânio. As urnas foram fechadas com vasilhas de cerâmica ou de cabaça, fazendo as vezes de tampa. Já nos enterramentos em fossa, utilizou-se ritual primário, com o corpo em posição fetal deitado ou sentado em conexão anatômica, mas com a peculiaridade de a cabeça aparecer separada do tronco e colocada em posição vertical sobre a fossa, separada do resto do enterramento por uma camada de sedimento de 15 a 20 centímetros. Em três casos, sacolas tecidas de fibras de *Caroá*<sup>4</sup>, haviam sido colocadas junto ao defunto. No **Sítio São Braz**, duas urnas funerárias continham ossos humanos de enterramentos secundários e noutra um esqueleto completo com enterramento primário em posição fetal.

O rito da incineração foi comum entre os grupos agricultores da tradição Tupiguarani das áreas litorâneas. Urnas de linhas abertas, cuidadosamente decoradas com desenhos geométricos e nas cores vermelha, branca e preta, eram utilizadas para guardar ossos e cinzas. A inumação secundária realizava-se, comumente, na mesma aldeia, de forma que, em geral, não são encontradas grandes necrópoles agrupadas e sim enterramentos isolados entre os restos cerâmicos que assinalam a localização da aldeia. Porém, os dados de que atualmente dispomos são mais antigos relatos etnográficos do que dados arqueológicos, pois poucas aldeias Tupiguarani escavadas no Nordeste, tiveram seus resultados publicados, com exceção de uma ou outra pequena notícia. Em ge-

---

<sup>4</sup> Caroá; *Neoglasiovia Variegata*, Bromélia xerófita da qual se obtém fibra têxtil.

ral, os restos funerários são, quase sempre, produto de achados casuais, em consequência de trabalhos agrícolas. Urnas funerárias da sub-tradição Pintada Tupiguarani, foram coletadas na praça de Vila Flôr (RN), onde esteve situada a aldeia e a missão carmelita de Nossa Senhora do Desterro em Gramació.

Resumindo: segundo os dados que até agora dispõe a arqueologia, as populações pré-históricas do Nordeste do Brasil utilizaram-se de variados rituais funerários de inumação e incineração, com enterramentos primários e secundários, sem que possamos estabelecer seqüências cronológicas exatas na evolução dos diferentes rituais utilizados, mas pode-se afirmar que a inumação precedeu a incineração.

Como formas de inumação primária relacionam-se:

- a) sepulturas em cova individual com o corpo na posição lateral fletida e ausência de mobiliário fúnebre;
- b) corpos na posição lateral fletida, com enxoval funerário consistente em colares de contas e pingentes de osso, de conchas marinhas, de pedra e dentes de animais; espátulas, apitos e flautas em menor número aparecem nos enterramentos masculinos;
- c) utilização de fibras trançadas, desde datas muito antigas, para embrulhar os corpos ou para forrar a cova onde o morto será depositado; registra-se o usos de cestas de fibras para enterrar crianças e bolsas de fibras trançadas;
- d) prática de se acender uma fogueira no lugar do enterramento, não para queimar o corpo, mas como forma ritual ou purificadora;
- e) separação ritual da cabeça, do tronco;
- f) utilização de vasilhames cerâmicos de vários tamanhos e formas, como mobiliário fúnebre acompanhando o morto, às vezes cobrindo parte de seu corpo;

g) deposição em urnas cerâmicas com o corpo em posição fetal.

Entre rituais secundários assinalam-se:

- a) enterramentos coletivos com ossos cuidadosamente arrumados e pintados de vermelho em cova forrada de lages de pedra;
- b) ossos de criança pintados e cobertos de pigmento vermelho finamente peneirado;
- c) incineração total ou parcial dos corpos; ossos calcinados e as cinzas depositadas em covas em abrigos sob-rocha;
- d) deposição das cinzas e ossos queimados, em urnas funerárias;
- e) enterramentos secundários em urnas com inumação dos ossos depois de limpos.

#### *As fontes etnográficas*

As informações etnográficas podem nos auxiliar no conhecimento dos rituais indígenas e também, através dessas informações podemos entender a falta de maior número de restos funerários fornecidos pela arqueologia. Certos rituais seriam responsáveis pela inexistência de restos humanos em diversas áreas arqueológicas. O costume dos Ianomami, por exemplo, de moer os ossos depois de completamente limpos das partes brandas e comê-los misturados com banana, num ritual "*post-mortem*" cuidadosamente preparado, caso tenha sido de ampla dispersão na pré-história, teria privado, a arqueologia de ricas fontes de informação.

Os dados que a arqueologia fornece, podem ser complementados com dados etnográficos, levando-se em conta, naturalmente, as distâncias cronológicas, e as distorções que a informação pode conter. Considerando-se o conservadorismo que as tradições funerárias apresentam na pré-história mundial, podemos deduzir que certas práticas fúnebres registradas pela etnografia,

seguramente vinham de tradições milenares. As informações etnográficas acrescentadas das que nos fornecem os achados casuais e as notícias esporádicas, formam um conjunto de dados de sumo interesse para o início de pesquisas arqueológicas sistemáticas. Muitas vezes, verifica-se a presença de certos ritos fúnebres durante milênios. A manutenção de ritos fúnebres aborígenes entre as populações indígenas já cristianizadas, foi constatada através de informes etnográficos e da evidência arqueológica. Vários rituais funerários indígenas continuaram sendo praticados pelos índios, mesmo depois da colonização portuguesa e do seu aldeamento em missões. No vale médio do São Francisco, por exemplo, existem várias ilhas onde se estabeleceram missões evangelizadoras de franciscanos e jesuítas e é comum se encontrar restos de enterramentos indígenas entre as ruínas dessas missões, feitos por índios que viveram em contato com padres nos séculos XVII e XVIII. Durante as escavações arqueológicas na ilha de Zorobabel, foram encontrados os restos da igreja de Nossa Senhora do Ó, paróquia fundada pelos capuchinhos e destruída por uma inundação nos fins do século XVIII e também, uma aldeia indígena com enterramentos em urnas funerárias. Como em outros muitos casos, as urnas foram depositadas em diferentes lugares da ilha, sem ser agrupadas em necrópoles; entre o enxoval funerário havia colares de contas de vidro e contas de rosário em uma das urnas. É de se supor que os índios aldeados na missão, continuaram enterrando seus mortos segundo seus antigos rituais. Caso idêntico foi constatado na ilha de Itacuruba, vizinha à ante-rior. Essas ilhas desapareceram, em consequência da formação do lago de Itaparica.

Atualmente, próximos ao rio São Francisco, existem remanescentes indígenas Pankararu, Atikum e Tuxá, nos municípios de Tacaratu, Itacuruba e Floresta, em Pernambuco, e Rodelas na Bahia. Moram em aldeias próprias sob a proteção da FUNAI. Através da tradição oral soubemos que os Pankararu enterravam seus defuntos em abrigos e colocavam fogueiras em

cima, utilizando o lugar quantas vezes se fizesse necessário, informação que coincide perfeitamente com os achados arqueológicos da Gruta do Padre. Católicos, devotos de Santo Antônio, possuem uma igreja na aldeia, o que não impede que se conservem ainda certas “obrigações” com o morto do tempo dos “caboclos brabos”.

Por sua parte, os Tuxá atribuem que sejam chamados também de índios “Rodelas”, devido ao antigo costume de cortarem os membros dos defuntos e conservá-los em urnas funerárias entre cinzas. Este costume explicaria o fragmentado dos restos ósseos às vezes encontrados, como nos enterramentos da ilha de Zorobabel, com despojos humanos que se misturavam a ossos de animais, possivelmente restos do banquete fúnebre.

Curiosa é sem dúvida a informação recolhida por Estevão Pinto nos **Índigenas do Nordeste**, quando se refere a certos índios (não cita quais) que entregam o trabalho do descarnamento do corpo aos peixes, para o qual é encerrado numa *Juquiá* especial e mergulhado ao rio; os peixes entram livremente na cesta, mas o esqueleto é preservado para, depois de descarnado, realizar-se então a cerimônia fúnebre.

Numa referência de J. de Lery, os Tupinambá colocavam uma cuia sobre o rosto do morto, o que encontramos recentemente no cemitério do **Justino**, assim como os restos da fogueira ritual, usada durante a cerimônia.

Inúmeras informações chegaram-nos através dos cronistas e missionários, mas nem sempre essas informações são cuidadosas na identificação do ritual de cada tribo ou grupo étnico. Não poucas vezes misturam-se e confundem-se. Porém quando lemos um relato minucioso de todo um determinado ritual fúnebre, com músicas, cantos, carpideiras, banquete fúnebre, período de luto, etc., como nos relatos de A. Metraux, vemos como a arqueologia nos fornece apenas uma pequena parte de todo um cerimonial que o conhecimento etnográfico muitas vezes esclarece.

Os diversos rituais fúnebres em enterramentos contemporâneos observados em sítios pré-históricos, podem também ser explicados pelo tipo de morte, além de indicativos da hierarquia e do sexo do defunto. Morte natural, por guerra, suicídio ou castigos vários, interferem na forma de enterramento, como foi observado por Itala Becker (1994) entre os Kaingáng, Guarani, Charua e Minuano históricos. O enterramento dentro ou fora da habitação significaria, também, maior ou menor apreço pelo defunto.

O trabalho conjunto de etnólogos e antropólogos tem fornecido estudos recentes bem documentados sobre etnias indígenas brasileiras. Não cabe aqui enumerar os numerosos rituais conhecidos entre os índios históricos, pois além de já publicados em artigos e livros, fogem aos objetivos deste trabalho, pautado no achado arqueológico e não na tradição oral. Mas, para o conhecimento de pré-história de um país que tem a sorte de haver conservado remanescentes “*pré-históricos*” até os tempos modernos, o apoio da etno-arqueologia e da etno-história não deve ser negligenciado, especialmente quando se trata de conhecer tradições fúnebres indígenas que aparentemente foram de longa perduração.

#### ***Endereço para correspondência:***

✉ Núcleo de Estudos Arqueológicos - Universidade Federal de Pernambuco  
C.F.C.H. - 10º andar Cidade Universitária Recife - PE - Brasil - CEP 50 670-901  
Fone: (081) 271-8292

#### ***Referências bibliográficas***

- BINFORD, L. R. (1971). Mortuary Practices: their study and their potencial. In: J. Brown (ed). **Approaches to the social dimensions of mortuary practices**. *Memoirs of the American Archaeology Society*, n.25.
- BECKER, Itala Irene Basile. (1994). Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.1, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. São Paulo, p.61-74.

- CALDERÓN, Valentin. (1964). **O sambaqui da Pedra Oca. Relatório de pesquisa.** Salvador, Instituto de Ciências Sociais, UFBA, p.1-89, il.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela .( Org. ). (1990). **História dos índios no Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 605 p. il .
- ETCHEVARNE, Carlos Alberto. (1992). **Sítios dunares no Sub-médio São Francisco, Bahia. Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB (1991), v. 1.** Rio de Janeiro, p. 137 - 143.
- KNEIP, Lina ; MACHADO, Lilia Cheuiche. (1993). **Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ : sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha.** Documento de Trabalho. **Série Arqueológica**, n. 1 . Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, p. 1 - 74.
- LERY, Jean de. (1980). **Viagem à terra do Brasil.** São Paulo, Itatiaia/EDUSP.
- LIMA, Jeannete Dias de. (1984). **Pesquisa arqueológica no município de Brejo da Madre de Deus. Symposium**, v. 26, n. 1. Recife, UNICAP, p. 9 - 60, il.
- LUFT, Vlademir. (1990). **A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição agreste em Pernambuco.** Recife, Dissertação, Mestrado em História, UFPE, p.136, il.
- MARANCA, Silvia. (1976). **A Toca do Congo I . Um abrigo com sepultamento no Estado do Piauí. Revista do Museu Paulista, (Nova série).v. 23.** São Paulo, p. 155 - 173 .
- METRAUX, Alfred. (1979). **A religião dos tupinambás. Brasiliana**, v. 267. São Paulo, Ed. Nacional, p. 1-223 il. (Tradução e notas de Estevão Pinto)
- PINTO, Estevão.(1935-1938). **Os indígenas do nordeste I - II .Brasiliana.** v. 44 e 112 . São Paulo, p. 1 - 257, il.
- ROCHA, Jacionira. (1971). **As tradições funerárias no vale do Médio São Francisco. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, (1987, Recife). CLIO - Série Arqueológica**, n. 4, extraordinário. Recife, UFPE, p. 151-153.
- VERGNE, Cleonice; AMÂNCIO, Suely. (1992). **A necrópole pré-histórica do Justino/Xingó-Sergipe. (Nota prévia). CLIO - Série Arqueológica**, v.1, n. 8. Recife, UFPE, p 171-182.